

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANDRÉA DANTAS ARAÚJO

**PRECONCEITO RACIAL: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NEGRA**

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

ANDRÉA DANTAS ARAÚJO

**PRECONCEITO RACIAL: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NEGRA**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dra. Risomar Alves dos Santos

**CAJAZEIRAS – PB
2015**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras - Paraíba

A663p Araújo, Andréa Dantas

Preconceito racial: implicações no processo de ensino e aprendizagem da criança negra. / Andréa Dantas Araújo. Cajazeiras, 2015.

43f.

Bibliografia.

Orientador (a): Prof(a). Risomar Alves dos Santos.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Preconceito racial. 2. Criança Negra. 3. Racismo- sala de aula.
I. Santos, Risomar Alves dos. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –37.043.2-054

ANDRÉA DANTAS ARAÚJO

PRECONCEITO RACIAL: IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E

Aprovada em 04 de 12 de 2015

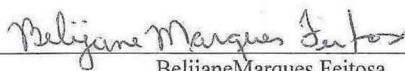
BANCA EXAMINADORA



Risomar Alves dos Santos
Orientadora



Stella Márcia de Moraes Santiago
Examinadora



Belijane Marques Feitosa
Examinadora

Ane Cristine Herminio Cunha
Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, e a minha mãe que sempre está presente na minha vida, sendo o meu suporte, dando-me apoio para enfrentar todas as dificuldades nos momentos mais difíceis da minha vida.

Dedico este trabalho também a meu pai que lutou para dar-me uma boa educação e a minha irmã Maria do Socorro e Rodolfo que contribuíram para que eu ingressasse na Universidade. E, especialmente, ao meu esposo William Baldow que sempre está ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dá coragem cotidianamente de lutar pelos meus sonhos.

Agradeço a professora Dra. Risomar Alves dos Santos por ter me proporcionado vivenciar este momento, pois contribuiu, mesmo que indiretamente para o meu ingresso na Universidade e por ser minha orientadora.

Agradeço também a professora Dra. Francisca Zildene Pereira que, em momento específico do curso, foi fundamental me ajudando a ter um melhor desempenho acadêmico.

Aos demais professores do curso, que contribuíram cada um a sua maneira, para que eu conseguisse realizar mais essa etapa em minha vida.

As minhas queridas amigas Aline, Danielle, Janaina, e Jannuzi que sempre dividiram comigo momentos especiais e fundamentais para que eu pudesse realizar este sonho, juntamente com elas.

A todos, que de alguma maneira acreditaram em mim e, colaboraram para a concretização deste trabalho.

“A única arma para melhorar o planeta é a Educação com ética. Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da pele, por sua origem, ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

NELSON MANDELA

RESUMO

Esse estudo apresenta algumas considerações em torno do tema preconceito racial: implicações no processo de ensino e aprendizagem da criança negra e teve como objetivo investigar os reflexos do preconceito racial no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, bem como identificar procedimentos utilizados pelos professores para trabalhar o preconceito racial em sala de aula, com vistas a amenizar os danos sofridos pelas vítimas dessa prática. Contudo, para atingirmos nossa meta, foi realizada uma pesquisa de campo com a utilização de um questionário semiestruturado. Todavia, para compreendermos o quão complexa é a questão do racismo no Brasil, visto que, o mesmo pode ser observado diante das desigualdades sociais, corroborando com a questão aqui levantada constatamos que o negro ocupa em sua grande maioria a base da estrutura social do país. Para tanto, buscamos apoio em teóricos como: Munanga (2005), Cavalleiro (2007), Silva (1995) dentre outros. Diante disso, também analisamos o surgimento da Lei nº 10. 639/2003, que pode ser entendida como forma de desmitificar a imagem negativa divulgada contra a população negra, bem como o preconceito racial existente nas escolas, que na maioria das vezes, exclui parcela da população negra. Também aborda o papel do professor para trabalhar essa temática da diversidade racial na sala de aula para ajudar a desfazer a imagem negativa que se criou sobre o negro, ressaltando as qualidades de cada grupo racial, para que os alunos negros possam sentir orgulho da sua raça. Percebemos ainda, que quando uma criança é vítima de preconceito, acarreta alguns problemas que influenciam no processo de desenvolvimento da sua aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVES: Preconceito Racial. Discriminação. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This study presents some considerations about the racial profiling issue: implications for the teaching and black child's learning process and aimed to investigate the consequences of racial prejudice in teaching and student learning process and identify procedures used by teachers to working racial prejudice in the classroom, in order to mitigate the damage suffered by the victims of this practice. However, to achieve our goal, a field survey using a semi-structured questionnaire was conducted. However, to understand how complex the issue of racism in Brazil, since the same can be seen on social inequalities, corroborating the question raised noticed that by the black occupies mostly the bottom of the social structure of the country. Therefore, also analyzed the emergence of Law No. 639/2003 10, which can be understood as a way to demystify the negative image released against the black population. That said took into account also the existing racial prejudice in schools, which for the most part, reproduces prejudice. It also addresses the role of teacher to work this issue of racial diversity in the classroom to help dispel the negative image that was created on the black, emphasizing the qualities of each racial group, so that black students can be proud of their race. We realize that when a child is the victim of racial prejudice entails some problems of social interaction, and consequently influences the development process of their learning.

KEYWORDS: Racial prejudice, discrimination by skin .
here

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. ALGUNS APORTES TEÓRICOS	12
1.1 Racismo no Brasil.....	12
1.2 O surgimento da lei 10.639/2003.....	16
1.3 O preconceito racial na escola.....	18
1.4 O papel do professor diante do preconceito racial na escola.....	21
2. REFLEXÕES ACERCA DO PENSAMENTO DE PROFESSORAS E SUAS INTERFACES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NEGRA	24
3. CONSIDERAÇÕES	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICE	42

INTRODUÇÃO

Esse estudo teve como tema Preconceito Racial: implicações no processo de ensino e aprendizagem da criança negra para o qual buscamos esclarecimentos de como o preconceito racial pode interferir no desempenho da criança negra, bem como procurou saber se o professor está preparado para trabalhar a diversidade étnica e racial em sala de aula.

Para isto, propomos uma abordagem crítica a respeito desta temática, para que se possa estabelecer uma compreensão do porque a cor da pele ainda é alvo de preconceitos e discriminações.

O interesse por esta temática surgiu devido as permanentes situações de preconceito racial, ocorridas principalmente no âmbito educacional, em que frequentemente acontecem cenas de racismo entre os alunos, muitas vezes devido à resistência por parte de alguns professores para trabalhar o tema da diversidade racial em sala de aula.

Ressalto ainda que este tema sempre despertou a minha atenção, pois durante a minha vida estudantil observava que os meus colegas negros sempre eram discriminados pelos outros e isto me deixava inquieta e incomodada diante daquelas situações. Foi também por meio do componente curricular Educação, Cultura e Diversidade que percebi ser o racismo um assunto mais sério do que imaginava e que este pode intervir diretamente no desenvolvimento da aprendizagem da criança, bem como, em sua vida social.

Outro aspecto que me motivou a investigar este tema foi uma situação que vivenciei durante o curso quando paguei o componente Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Durante as atividades realizadas na semana do folclore da escola, ocorreu um episódio que despertou a minha atenção, quando solicitei para que os alunos pintassem a máscara do Saci Pererê. Enquanto eles pintavam apenas observava-os e percebi que uma das crianças não estava pintando o Saci de preto. Ao indagar o porquê ela não estava pintando respondeu que não ia pintar, porque a cor preta era feia.

Diante desta resposta pude perceber que o preconceito racial está enraizado na mente de algumas pessoas e, a escola pode propiciar mudança

de comportamento nos alunos, pois os preconceitos podem interferir diretamente no seu desenvolvimento educacional e social.

Esse estudo teve como foco alguns reflexos do preconceito racial no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental de três escolas públicas da cidade de São João do Rio do Peixe-PB. A pesquisa teve como objetivos: analisar como a diversidade étnico racial é tratada na escola, identificar as influências do preconceito racial na aprendizagem dos alunos e verificar quais procedimentos são utilizados pelos professores para trabalhar atitudes preconceituosas ocorridas em sala de aula, como forma de amenizar os danos sofridos pelas vítimas dessas práticas.

A pesquisa serviu para compreender o porquê da permanência do preconceito racial em práticas educativas atuais e por que apesar das diversas lutas e Leis que apontam para uma sociedade igualitária, os negros ainda continuam sendo discriminados. Foi importante também, pois, por intermédio da mesma, pudemos compreender, de forma significativa, os reais motivos que leva uma pessoa a praticar preconceito racial.

Para isto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para nos dar subsídio com o tema, como destaca Oliveira (2008) a pesquisa bibliográfica possibilita que o pesquisador tenha um contato direto, com documentos que abordem o tema estudado, proporcionando assim um aprofundamento teórico da temática.

Foi realizada também, uma pesquisa descritiva, para obter uma investigação mais detalhada, pois como afirma Oliveira (2008, p.68), “A pesquisa descritiva é abrangente, permitindo uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos.”

Também utilizamos a abordagem qualitativa, que requer um estudo mais detalhado do assunto através de dados coletados, pois como afirma Oliveira. 2008, p. 58.

[...] cada um desses tipos de abordagem apresenta sua característica específica quanto ao tratamento dos dados coletados, estando a abordagem quantitativa voltada para dados mensuráveis através da utilização de recursos e técnicas estatísticas. Já a abordagem qualitativa se preocupa com uma visão sistêmica do problema ou objeto de estudo.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado a cinco professoras de três escolas pública da cidade São João do Rio do Peixe-PB. O referido questionário foi constituído de questões abertas para que desta forma, possa se obter respostas mais detalhadas. Oliveira (2008, p. 84), destaca que, “A vantagem das questões abertas está no fato de o informante ter total liberdade para formular suas respostas.”

Logo, com a realização desta pesquisa podemos diagnosticar que o preconceito racial, pode interferir no processo de ensino e aprendizagem da criança negra, pois, quando esta sofre cotidianamente com brincadeiras de mau gosto acabam não tendo um bom desenvolvimento, e isto compromete não só a sua aprendizagem, como também a interação no convívio social.

1. ALGUNS APORTES TEORICOS

Esse capítulo apresenta uma breve fundamentação teórica a respeito do preconceito racial existente em nossa sociedade, com direcionamento para a escola, visto que é no âmbito educacional que podemos ter uma melhor compreensão de como é vivenciada e trabalhada essa temática. Tratou também da implementação da Lei nº 10.639/03, que alterou a Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9.349/96, tornando obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nos currículos da Educação Básica brasileira.

1.1. Racismo no Brasil

Para se ter uma melhor reflexão do que vai ser destacado nesta pesquisa, consideramos fundamental conhecermos os conceitos de racismo e preconceito.

Conforme Jaccoud e Beghin apud Santana, (2011, p. 5), o racismo é considerado uma “ideologia que apregoa a existência de hierarquia entre grupos raciais”. Ou seja, criou-se uma ideologia que os negros são inferiores aos brancos, e apesar de toda luta dos negros para acabar com essa ideia percebemos que ainda se propaga na sociedade brasileira.

Conforme os autores citados acima, o preconceito racial, por sua vez, “[...] limita-se à construção de uma idéia negativa sobre alguém, produzida a partir de uma comparação realizada com o padrão que é próprio àquele que julga” (idem.) Assim, se acredita que a cor da pele é algo que faz um ser melhor do que o outro.

Assim, de acordo com Cavalleiro (2007) o Brasil é um país que possui a maior população negra do mundo fora do continente africano, mas apesar de mais da metade da sua população ser negra, o indicador de racismo existente ainda é muito alto. Para Costa (2008, p. 24)

[...] o racismo, executado pela discriminação racial confere aos negros uma condição histórica de exclusão. A negação do racismo orientou o discurso oficial brasileiro durante décadas e serviu para

acentuar ainda mais as desigualdades sociais e as mazelas que recaem sobre a população negra.

Embora, sempre a sociedade brasileira tenha tentado transmitir para o mundo que existe uma relação de harmonia entre os diferentes povos, o racismo nunca deixou de existir, visto que a população negra sofre até hoje com a discriminação racial, e as desigualdades. Neste sentido, o preconceito racial continua de modo camuflado e, na maioria das vezes, é manifestado por meios indiretos, como brincadeiras, piadas e apelidos maldosos. Para Verçosa (2012, p. 16)

Apesar das formas camufladas em que se manifesta, é evidente que o racismo impere no Brasil, são muitas as barreiras sociais e consequências que o mesmo promove, pois a grande maioria da população afro-brasileira sofre e, por conta disso, surgem as ações de inclusão social muitas vezes discutidas pelos movimentos sociais e governo na tentativa de combater as permanentes formas de preconceito racial que permeiam as relações raciais e humanas no Brasil.

Entretanto, essas tentativas de combater o preconceito racial e quebrar as barreiras sociais não foram eficazes, pois até hoje a população negra sofre com as desigualdades e o preconceito está presente no cotidiano dos indivíduos, acarretando inúmeras desvantagens, além do prejuízo psicológico, devido às experiências vivenciadas.

Logo, o racismo gera desconforto e aquele que o sofre acaba tendo que, na maioria das vezes, conviver com experiências desagradáveis por toda a vida, causando assim, uma sensação de inferioridade e não valorização pessoal. Cavalleiro, (2007, p. 30) afirma

O racismo no Brasil foi denominado “racismo cordial”. [...] Esse racismo erroneamente denominado cordial, acarreta grandes prejuízos para aqueles que lutam diariamente contra um inimigo “invisível”, que não aparece em hora, situação ou lugar predeterminados. Sua ação, porém, é cruel para aqueles que, sob uma pele negra, buscam a sobrevivência física e emocional próprias e de seus familiares. Em consequência desse racismo, o negro tem sido impedido de construir uma cidadania plena, encontrando-se desprotegido diante de situações de violência.

Com base no que fala a autora, podemos compreender que a realidade do racismo no Brasil, não é cordial, como tentam divulgar, pois as desigualdades existentes entre negros e brancos é visível e inquestionável. Uma vez que esse racismo pode ser observado diante das desigualdades sociais, uma vez que o negro ainda ocupa em sua maioria, os piores cargos, possui os mais baixos salários, mora em condições indignas e ainda ocupa a base da estrutura social do país.

A identidade da criança é construída a partir da trajetória escolar, onde a mesma passa a conviver cotidianamente com as demais, e quando esta convivência é marcada por conflitos, e quando a criança negra é xingada e discriminada pelo fato de ser negra, ela tende a criar uma imagem negativa de si mesma, e acaba tendo vergonha de sua origem. Para Rosa e Mehl (2009, p. 4) “A identidade negra se fortifica através da construção social, histórica, cultural e plural, nada fácil em uma sociedade que insiste em propagar que para o negro ser aceito por ela é necessário negar sua história e cultura.”

Neste intuito, é preciso que a escola pare de se omitir diante desse fato, uma vez que ao silenciar, está contribuindo para que o desrespeito contra o negro continue. Faz-se necessário trabalhar este assunto de forma esclarecedora, mostrando aos alunos a importância do negro para a nossa sociedade, favorecendo assim, a construção da sua identidade, visto que, o aluno negro precisa se reconhecer como negro e se sentir bem na sua identidade.

Segundo Santos (2010, p.18) “Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros.” Diante disto, é importante que a criança negra sinta-se valorizada pelas outras, para que possa se reconhecer, e formar sua própria identidade.

Entretanto, quando isto não ocorre a criança tende a se reprimir e não ter uma boa aceitação da sua condição de ser negra e, muitas vezes, apresenta um baixo rendimento escolar, sendo reprovada ou mesmo se excluindo da escola, por se sentir incapaz diante dos colegas.

Diante disto, podemos compreender que um dos principais fatores que leva a criança negra a apresentar um baixo rendimento escolar é o fato dela sofrer com a discriminação, que acaba desestimulando-a e apresentando falta de interesse para com os estudos.

Pertencemos a uma sociedade que apesar de tentar passar uma imagem de que todos possuem os mesmos direitos, sabemos que não é verdade, visto que os negros sofrem desde os tempos da escravidão com várias desigualdades. Tal situação vem de um processo histórico, como diz Moreira (2010, p.8)

Podemos entender a *desigualdade* a partir de vários prismas a depender do recorte epistemológico, via de regra, a economia, política, cultura, religião entre outros. Contudo, não podemos deixar de postar que a *desigualdade* também é fruto de um processo histórico. Por exemplo, para ser mais específico o negro em seu processo de construção identitária na sociedade brasileira, onde nos primórdios da colonização tinha na sua base de sustentação a monocultura, o latifúndio e a escravidão como fonte de sustentação econômica social.

Diante esse processo, ainda hoje o negro vem carregando consigo esta imagem estereotipada e sofrendo com as desigualdades e o preconceito. É preciso destacar que a diferença é relacionada à própria diversidade brasileira, visto que o Brasil teve uma mistura de raças e por isto há uma diversidade grande que precisa ser reconhecida e valorizada. Segundo Moreira (2010, p.11)

[...] a diversidade que por sua vez identifica-se na diferença que é vista pela sociedade como forma de categorização social gerou e tem gerado conflitos no qual criou a desigualdade e conseqüentemente a discriminação e principalmente a racial, a essa sim, a superestrutura não abre mão da não interferência.

Nesta perspectiva, a diferença é comum numa sociedade tão diversificada, mas a questão da desigualdade, essa pode ser consequência de vários fatores, como por exemplo, cultura, renda, educação, outros. Nesse sentido, Verçosa (2012, p.41) enfatiza, “Lutar pela equidade, valorizar as

diferenças também devem ser práticas da escola, pois não podemos crer que somos “todos iguais”, e que dessa forma a felicidade pode ser garantida a todos.”

Todavia sabemos que a maior parte da população que sofre com esta desigualdade é a negra, considerando que são muitas as situações de discriminações que os negros passam, principalmente na escola e, que pode atrapalhar no seu desenvolvimento educacional.

Verçosa (2012) destaca que a escola precisa abordar essa questão da discriminação, visto que não é um fato isolado, os inúmeros casos de racismo na escola atrapalha na formação do indivíduo que sofre constantemente com essa ação, por isso é fundamental que se utilize estratégias para tratar este tema, impedindo a ocultação do mesmo.

Logo, as diferenças não podem ser consideradas como uma forma de repressão, uma vez que todas possuem diferenças, e isto serve para contribuir na construção de uma sociedade diversificada.

1.2 O surgimento da Lei nº 10. 639/2003

A partir de 2003, foi instituída pelo Presidente da República a Lei nº 10.639, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96 tem como eixo central a Educação e sua finalidade é incorporar estudos sobre a História e a Cultura Africana e Afrobrasileira em todos os níveis da escolaridade nacional.

Com a implantação desta Lei, as instituições de ensino passaram a abordar conteúdos relacionados à História de luta dos negros no Brasil, suas origens, seus costumes e as contribuições que trouxeram para o país. Além de inserir no calendário letivo oficial o dia 20 de novembro, como feriado nacional da Consciência Negra. Segundo Santos (2010, p.37)

Reconhecer suas origens é um caminho que oportuniza a libertação das imposições eurocêntricas que ao longo dos anos vividos faz parte do imaginário da sociedade deste país; é permitir que se construa um presente afro-brasileiro a partir do conhecimento do passado africano.

Para Gevanilda Santos, Maria Santos e Galvão (2011) a Lei nº10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História da África e a Cultura Africana, nas escolas públicas e particulares, é exemplo de mudanças já conquistadas pelo Movimento negro organizado que assegura e reivindica a inclusão social da população negra na sociedade brasileira.

E foi a partir da implementação dessa Lei que, alguns alunos começaram ter a oportunidade de entender que os negros tiveram muita luta para conseguir ter os seus direitos básicos parcialmente reconhecidos e por isso precisam ser respeitados e valorizados. Nessa perspectiva, a Lei anteriormente mencionada pode ser entendida como uma forma de desmitificar a imagem negativa contra a população negra. Considerando que a partir do momento que as escolas se apropriarem desta Lei e começarem a por em prática o que ela determina a população começará a ver o negro de outra forma, com um novo olhar.

Desta forma, a implementação desta Lei possibilitou conhecer, pelo menos parcialmente, a real História da África e dos Africanos. Assim, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional afirma (BRASIL,2004, p.11)

§ 2º O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, européias, asiáticas.

Entretanto, algumas escolas ainda não se adaptaram para trabalhar esta temática e acabam ocultando-o, como se fosse algo que ocorresse apenas fora do âmbito escolar, pelo fato dos professores não estarem preparados para abordarem essa questão ou por simples comodismo.

Nessa perspectiva, é importante que haja uma preparação dos professores para abordarem a temática em sala de aula, para que a Lei não fique apenas no papel, e passe a ser concretizada, como relata Alves (2007, p.42)

Para que se efetivasse a lei, muitos estados investiram na criação de cursos em caráter de aperfeiçoamento e extensão a fim de viabilizar

um ensino crítico, bem distante do senso comum, do qual proliferavam os preconceitos e as atitudes intolerantes.

É relevante que sejam ofertados cursos para os professores, para que tenham a oportunidade de se prepararem para abordar temas relacionados à diversidade racial da população brasileira e busquem evitar práticas que levem ao preconceito e a discriminação, para que o racismo não se perpetue no interior desse espaço educacional.

Como destaca a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2004, p. 4)

Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação [...] implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, e não sejam desencorajados de prosseguir nos estudos, de estudar questões que respeitem à comunidade negra.

Assim, a educação pode transformar a realidade do sujeito preparando-o para conviver com as diferenças, respeitando as diversidades e despertando uma nova consciência, para tentar conseguir amenizar o preconceito racial, por meio de práticas de conscientização. A escola é um lugar privilegiado para se trabalhar este assunto, visto que o mesmo serve tanto para educar, como para os discentes, começarem a desmistificação da imagem negativa que criaram sobre o negro e sua história afrodescendente. Segundo Verçosa (2012, p.42)

[...] a escola precisa proporcionar momentos de discussão, estudo que envolva professores, alunos e toda comunidade escolar, dessa maneira ampliar os conhecimentos sobre a história do negro, sua contribuição para a evolução da humanidade, principalmente como forma de obter informações mais aprofundadas dos afrodescendentes e das relações estabelecidas entre os outros povos. Reconhecer, valorizar e respeitar a existências dos negros e sua cultura no ambiente escolar mostrará que a escola reconhece e estabelece ações positivas no tratamento das relações étnico-raciais.

Logo, essa temática deve ser abordada na escola de tal modo que o aluno possa reconhecer a história do negro e a sua luta, se conscientize e comece a combater o preconceito, fazendo com que todos sejam respeitados pelo que são, independente, das diferenças e especificidades que possam existir.

1.3 O preconceito racial na escola

O Brasil ainda compõe um triste quadro de desigualdade social no seu contexto educacional. Os números revelam que negros apresentam um percentual maior de reprovação comparado com os brancos, como afirma Silva, (1995, p.102) “[...] o desempenho escolar dos não brancos, ou seja, a repetência, as dificuldades de aprendizado e a exclusão do sistema de ensino podem estar relacionadas diretamente às relações interétnicas neste universo.”

Uma das razões do baixo índice de aproveitamento e evasão dos alunos negros, ocorre pelo desconforto e constrangimentos que vivenciam na escola, considerando que os mesmos sofrem xingamentos e agressões diversas, e que estas situações vivenciadas acabam prejudicando o seu desenvolvimento. Cunha Júnior (2008, p. 239) destaca

[...] As chamadas brincadeiras são contínuas, sistemáticas e deprimem os indivíduos. As crianças aprendem muitas vezes na escola a dura realidade das nossas relações étnicas. Frente às grosserias das piadas, dos insultos e dos abusos racistas diversos, essas crianças são tidas como feias e difíceis, sendo ainda maior o problema quando lhes introjetam esses estereótipos.

Dessa forma, o preconceito racial está inserido nas escolas e os alunos negros ao se sentirem desvalorizados, acabam não tendo estímulos para estudar, visto que a escola torna-se para eles um lugar desagradável, desestimulante e, muitas vezes, torturante.

E quando o aluno acarreta todos estes sentimentos em relação à escola e não se sente a vontade, a possibilidade dele não ter um bom rendimento escolar é muito grande, pois um dos aspectos necessário para que a criança

desenvolva a sua aprendizagem é está inserida em um ambiente favorável para que possa se sentir bem e, conseqüentemente, desenvolver suas habilidades, pois, como é apontado por Cavalleiro (2007, p. 98)

Não há como negar que o preconceito e a discriminação constituem um problema que afeta em maior grau a criança negra, visto que ela sofre, direta e cotidianamente, maus tratos, agressões e injustiças, que afetam a sua infância e comprometem todo o seu desenvolvimento.

E na maioria das vezes a própria escola reproduz o preconceito racial, quando se mantém neutra em relação aos conflitos entre alunos, tratando este fato com simplicidade e descaso, deixando que os alunos negros sejam ridicularizados pela condição de serem negros. Como afirma Moreira, (2010, p.13)

[...] o silêncio presente nas escolas relacionado ao debate sobre questões como preconceito, discriminação e racismo afetará no processo de construção social, no desenvolvimento cognitivo das crianças e jovens negros, como também estará contribuindo para a formação de crianças e jovens brancos com um sentimento de superioridade.

Nesta perspectiva, o preconceito racial afeta diretamente o desenvolvimento da criança negra, pois constantemente vivencia situações de conflitos, e acaba interiorizando um sentimento de inferioridade, tornando-se uma criança passiva. Como cita Passos (2008, p.256) “as trajetórias escolares, em particular dos jovens negros, são marcadas pelas reprovações e interrupções, confirmando que as desigualdades compõem o cenário dos processos de escolarização da população negra.”

Com base nesse pensamento, percebemos que o grande número de reprovações e interrupções dos jovens negros nos estudos, acontece pelo fato de não se sentirem acolhidos na escola. E, como destaca Cavalleiro (2004, p.119), “[...] para um grande número de estudantes negros, a escola é um “campo minado” onde são chacoteados, ridicularizados, envergonhados e constrangidos em decorrência de seu pertencimento racial”.

Diante disso, observamos que a escola como espaço educacional precisa trabalhar o respeito pelas diferenças, em vez de reproduzir a percepção negativa que a sociedade tem sobre o negro. Segundo Silva (1995, p. 68)

Na sociedade brasileira, a identidade do negro está vinculada aos papéis que lhe são atribuídos socialmente. [...] as crianças brancas reproduzem os estereótipos transmitidos de uma geração a outra sobre os descendentes dos escravos. A identidade é construída no jogo das relações sociais, e a relação é conflitiva quando se trata de negros e brancos.

À medida que as escolas não promovem o desenvolvimento pessoal, social e cultural desse grupo, não faz o negro sentir-se parte da comunidade, da escola e do país, bem como ser criador da sua própria história. Logo, todos esses fatores fazem com que a criança negra se sinta isolada, por ser tratada diferente. E, favorecem para que sinta-se insegura e desvalorizada o que leva-a a se a auto rejeitar.

Por isso, a escola, como espaço educacional, precisa exercer sua função diante desse fato, como enfatiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 2004, p. 13)

A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.

Neste intuito, a escola quando exerce o seu papel corretamente, contribui para a eliminação do preconceito, pois ao tratar essa temática de forma esclarecedora com os sujeitos que a integra, estará possibilitando que todos possam ter um bom desenvolvimento pessoal, com capacidade para respeitar uns aos outros.

Souza (2008) ressalta que quando a escola conseguir exceder a visão estereotipada do racismo e desmistificar essas práticas, embora não podendo resolver sozinha os preconceitos existentes, ela tem um poder de destaque, visto que exerce grande influência na sociedade brasileira e ao exercer a sua

real função, irá contribuir diretamente para formar cidadãos conscientes, sem a visão que foi criada sobre os povos negros em geral.

Nesse contexto, o livro didático ainda é um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores e para alguns alunos é a única ferramenta de leitura, porém é pertinente ressaltar, que ainda apresenta de forma resumida muitos aspectos sociais e históricos do continente africano.

Para Verçosa (2012) a maioria dos livros didáticos apresenta apenas pessoas brancas como principal referência, raramente se vê a imagem de um negro e quando esta aparece é colocado para representar o período da escravidão no Brasil, ou para simbolizar situações de desprestígio social. Com relação a isso, Rosa e Mehl (2009, p.6) enfatizam

[...] é preciso falar também do silenciamento produzido pelos livros didáticos, uma discriminação mais sofisticada. Utilizado muitas vezes como única fonte de apoio para o trabalho do professor em sala de aula especialmente nas escolas públicas, ele pode apresentar nos fatos históricos suas marcas, omitindo elementos, simplificando fatos que envolvem vários segmentos da sociedade.

O livro didático mostra uma representação diferenciada entre o negro e o branco, e acaba camuflando fatos relevantes sobre o negro, como a sua importância para a história do Brasil e suas contribuições na construção da sociedade. Trata apenas superficialmente deste fato.

Sendo que, na maioria das vezes, dão maior ênfase às humilhações dos negros, em vez de ressaltar as conquistas que estes conseguiram, através de várias lutas empreendidas desde o período escravocrata. E com essa visão negativa apresentada sobre os negros, pode-se ocasionar nos alunos brancos um olhar de superioridade e nos negros um sentimento de incapacidade, estimulando assim o desinteresse pelos estudos e, conseqüentemente, à evasão escolar.

1.4. O papel do professor diante do preconceito racial na escola

Na maioria das vezes, o professor mantém-se neutro frente às atitudes de discriminação racial em sala de aula, gerando mais conflitos entre os alunos, pois quando ele não procura manifestar-se contra essas situações e

silencia, está contribuindo para que esta prática continue. Como diz Cunha Júnior (2008, p.239)

São frequentes as queixas das crianças e dos jovens Afrodescendentes de que os professores não veem os xingamentos e desaforos por eles sofridos ou que tais docentes não percebem os atos e, quando percebem, não ligam, fazendo com que muitos adotem a atitude de não reclamar.

É necessário que o professor ofereça oportunidades para que os alunos possam se desenvolver dentro da sala de aula, sem fazer diferenciações entre negros e brancos e assim proporcione um ambiente de respeito e valorização das diversidades.

Entretanto, alguns professores acabam não exercendo o seu papel de educar, estando ali meramente para cumprir com uma carga horária e não para trabalhar a realidade de sua sala de aula, agindo muitas vezes com omissão, por não terem noção do que certas atitudes podem causar graves prejuízos na vida de seus alunos, como afirma Cavalleiro (2004, p. 122)

Mas, mesmo considerados inconscientes os atos dos professores em relação às crianças negras, suas atitudes magoam e estigmatizam a criança pela vida afora, já que as repercussões psicológicas tendem a perdurar, mesmo cessada a violência e a discriminação.

Nessa perspectiva, é importante que os professores estabeleçam vínculos de afetividade igual com todas as crianças para, desta forma, evitar que suas atitudes possam magoá-las, gerando ainda mais discriminação. É também essencial que os professores busquem estratégias para trabalhar esse assunto de forma adequada, o que para Silva (1995, p. 106)

A formação do professor é um dos elementos-chave na desestigmatização da imagem do negro; logo, estratégias e técnicas que facilitem a abordagem do tema, assim como o conhecimento de conceitos como os de etnocentrismo, cultura, relações interétnicas, minorias, acumulação, distúrbios de identidade e a dinâmica de dominação-subordinação que rege as relações entre os indivíduos numa sociedade multi-cultural e pluri-étnica devem compor o quadro teórico de sua formação.

Diante do exposto, observa-se que o professor precisa ter uma boa formação para abordar esta temática da diversidade racial na sala de aula, bem como precisa desfazer-se da imagem negativa que se criou sobre o negro, investigando as qualidades de cada grupo racial, para que os alunos negros possam sentir orgulho da sua raça.

O professor deve provocar a reflexão, o diálogo e o lado crítico dos alunos, para combater todas as formas de preconceito e promover, valorizar e estimular a solidariedade e o respeito entre eles. Para Verçosa (2012, p.41)

[...] cada aluno precisa ser tratado de acordo com as necessidades e mesmo grau de importância quanto todos os outros, e o professor precisa fornecer as mesmas condições de aprendizagem para todos, respeitando que cada aluno tem suas diferenças e precisa ser respeitadas igualmente em cada um deles, de forma individual e coletivamente. (sic)

Em suma, se o professor se engajar com compromisso e responsabilidade para trabalhar este assunto em sala de aula pode contribuir para o reconhecimento do negro na sociedade, e conseqüentemente para que os alunos pertencentes a esse grupo se fortaleçam, continuem estudando, e aumentem sua autoestima, para que aconteça a valorização de todos na escola e na sociedade.

2. REFLEXÕES ACERCA DO PENSAMENTO DO PROFESSOR E SUAS INTERFACES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NEGRA

Neste capítulo, foram analisados os dados decorrentes das respostas das professoras pesquisadas, de forma detalhada, fazendo uma relação com a fundamentação teórica apresentada no decorrer do trabalho.

Das cinco professoras participantes, duas possuem graduação em Pedagogia, uma tem especialização no PROEJA (Educação Profissionalizante de Jovens e Adultos), e outra em Psicopedagogia. Uma possui graduação em Letras e especialização em Educação Infantil, Literatura e Ensino. Uma é graduada em Filosofia, com especialização em docência e outra ainda está cursando Pedagogia

Todas as professoras pesquisadas demonstraram estar preparadas para exercerem sua profissão, mesmo tendo algumas que não possuem formação específica na área de atuação, mas estão buscando se aperfeiçoar por meio de especializações.

A formação dos profissionais da educação é de suma importância, visto que esses são responsáveis pela formação dos educandos, por isso, se faz necessário que sejam preparados para exercer a função de professor, com formação específica na área em que atua, como também é fundamental que estejam sempre em processo de aperfeiçoamento, buscando novos conhecimentos e revendo a sua prática.

Ao serem perguntadas se possuíam alguma capacitação na área da diversidade étnicorracial, apenas a professora A respondeu que sim, porém não especificou qual.

Neste sentido, podemos perceber que as professoras não buscaram ainda se aperfeiçoar nesta área, para que assim possam desenvolver um melhor trabalho em sala de aula, principalmente, porque é uma temática que requer muito estudo e preparação para lidar com as diferentes situações que ocorrem no cotidiano da escola, relacionada ao preconceito racial. Como destaca Moreira (2010, p. 2)

Tendo uma preparação apropriada, o professor poderá mostrar de forma clara, que a diferença e a diversidade, não são fatores de superioridade ou inferioridade, mas sim, um complemento para enriquecer o processo de construção individual e coletiva, dando principalmente, ao aluno negro a oportunidade de absorver com dignidade sua essência cultural, que foi usurpada na tentativa de introjetar aspectos europeus e promovendo um verdadeiro “estupro cultural” transformando o afro-brasileiro em filhotes da Europa. (sic)

É fundamental que os professores sejam capacitados para trabalharem com questões relacionadas às diferenças existentes em sala de aula, uma vez que a mesma é composta por uma grande diversidade. E, que cada educando é possuidor de uma cultura e deve ser respeitado por isso. (SILVA, 1995).

Quando perguntadas se a escola em que atuavam desenvolvia algum projeto que trabalhasse a diversidade étnicorracial, as professoras A e B que atuam em uma mesma escola divergiram nas suas respostas, sendo que a professora B relata que sua escola já desenvolveu um projeto sobre a temática da diversidade étnicorracial, e a professora A desconhece este fato, sendo que no período em que o projeto citado pela professora B aconteceu, ela já atuava na mesma escola.

Não, apesar de que seria de total relevância abordar essa temática na atual sociedade que fazemos parte. (Professora A)

Sim. Em 2014 foi desenvolvido um projeto do município onde foi abordada a temática “Africanidade”. Foi desenvolvido em todas as escolas do município, com culminância realizada em praça pública. (Professora B)

Diante das falas, podemos compreender que apesar da professora B relatar que trabalhou um projeto em 2014 com o tema “Africanidade” e que o referido projeto foi desenvolvido em todas as escolas do município, as demais professoras não o relataram, dando a entender que nas suas salas de aula não colocaram o projeto em prática, ou se o colocaram, não lembraram no momento.

Trabalhar com projetos é uma forma de facilitar a abordagem de temas importantes para a interação de todos, pois é a partir disto que professores e alunos poderão ampliar seus conhecimentos acerca do que desejam, tendo assim uma aprendizagem mais significativa. Por isto, pensamos ser importante trabalhar com projetos sobre os diversos temas, dentre eles a diversidade

étnicorracial para que os alunos ampliem seus conhecimentos em relação a esta temática.

Desta forma, ao trabalhar essa temática com projetos, o professor estará contribuindo para que haja uma discussão sobre o tema, uma vez que, possibilita uma maior conscientização, pois como relatado por Rosa e Mehl (2009, p. 5) “Em primeiro lugar é preciso tratar da invisibilidade da questão racial dentro da escola, externado pela ‘pedagogia do silêncio’. O silêncio significa a omissão da escola em relação ao povo negro”. Ou seja, ao tratar dessa questão se estará quebrando o silêncio existente nas escolas sobre o preconceito racial, proporcionando discussões que favorecem o processo de conscientização dos educandos.

Ao serem questionadas sobre como abordavam o tema da diversidade étnicorracial em sala de aula, apenas uma professora falou que só trata o tema quando presencia alguma situação em questão, as demais ressaltaram que trabalhavam de forma a possibilitar aos alunos uma compreensão clara e objetivo sobre o tema, conforme as falas

Quando presencio alguma situação em questão faço através de discussão e vídeos. (Professora A)

De forma simples, clara e objetiva, buscando esclarecer que somos resultado de uma mistura de raças e de cor, no propósito de combater a discriminação e o preconceito racial. (Professora B)

A temática da diversidade étnico racial é abordada em sala de aula em contação de histórias, debates e etc. (Professora C)

Com base, nas respostas das professoras percebemos que cada uma tem uma metodologia própria para trabalhar o tema. Nesse sentido, acreditamos ser fundamental que os professores discutam com seus alunos a diversidade racial, não apenas de forma superficial, mais de modo que eles possam conhecer as diferentes raças existentes na sociedade, e que independente da cor da pele, todos possuem os mesmos direitos e devem ser respeitados.

Na fala da professora B ela destaca que “fazemos parte de uma mistura de raças”. O que percebemos nessa fala é que existe uma preocupação em fazer os alunos respeitarem as diferenças, evitando assim o preconceito racial

em sala de aula. Como destaca Oliveira (s/d, p. 21) é relevante também que os professores possam

Trazer para as aulas conteúdos de história da África e do Brasil africano é fazer cumprir nosso grande objetivo como educadores. Levar a reflexão sobre a discriminação racial, valorizar a diversidade étnica, gerar debates, estimular valores e comportamentos de respeito e solidariedade é dar um passo no caminho da reconstrução de uma história do nosso passado que ainda precisa ser compreendida. Pois ao ouvir as vozes que estão presentes no cotidiano escolar está nos aproximando dos problemas sociais de nosso país. (Sic)

Desta forma, é fundamental que os professores trabalhem essa temática em sala de aula para tentar desmistificar a impressão negativa que se criou sobre a população negra, e isto só será possível quando estes assumirem o compromisso de fazer com que os seus alunos possam refletir sobre essa questão, pois como afirma Silva (2005, p. 31)

Identificar e corrigir a ideologia, ensinar que a diferença pode ser bela, que a diversidade é enriquecedora e não é sinônimo de desigualdade, é um dos passos para a reconstrução da auto-estima, do auto-conceito, da cidadania e da abertura para o acolhimento dos valores das diversas culturas presentes na sociedade.

Quando o professor reconhece que pertencemos a uma sociedade composta por muitas diferenças e passa a trabalhar estes aspectos em sala de aula está contribuindo significativamente para a formação de sujeitos capazes de respeitar o outro e conviver com tais diferenças, além de provocar a auto-estima de seus alunos negros. Uma vez que se abordar este tema de forma esclarecedora, faz com que as crianças negras se sintam reconhecidas e passem a ter orgulho da sua cor da pele.

Quando perguntadas se nas suas salas de aula já ocorriam situações de discriminação racial entre os alunos e como elas as trabalham. Das pesquisadas, três professoras falaram que nas suas salas nunca ocorreram situações deste tipo e apenas duas afirmaram que sim. Com isso pode-se entender que as professoras A, B e C desenvolvem algum trabalho relacionado a esta temática, uma vez que nunca ocorreram situações de discriminação racial em suas salas, ou então ocorrem e estas não o percebem, o que podemos conferir nas falas abaixo

Não, nunca presenciei algo assim, e se ocorresse abriria um leque de situações e suas reais consequências. (Professora A)

Não. Mas na escola já me deparei com uma situação semelhante, onde fui levada a intervir com diálogo a esclarecer que somos todos o resultado de uma das mais ricas misturas de raças do mundo! (Professora B)

Não. Mesmo não tendo ocorrido situações de discriminação racial entre os alunos, trabalho a importância e valorização da cultura afrodescendente proporcionando a reflexão crítica da realidade. (Professora C)

Podemos verificar que as professoras reagem de forma positiva diante de situações de preconceito, pois buscam meios para explicar e esclarecer o assunto com os alunos, levando-os a refletirem sobre o tema. Porém, isso não é suficiente, uma vez que, o preconceito já está enraizado na mente de algumas pessoas, por isto é necessário que se aborde este assunto de forma mais consistente, visto que a prática do preconceito é algo que precisa ser erradicado não só da sala de aula, mas também da sociedade. Para Verçosa (2012, p, 32)

[...] muitas vezes professores e professoras tentam sem sucesso, mostrar que todos são iguais para evitar maiores conflitos, principalmente para desviar-se dos conflitos raciais e deixar claro que todo mundo se desentende e passam a ser entendidos como pequenos detalhes do cotidiano escolar.

Como mencionado anteriormente, o preconceito deve ser abordado de forma mais profunda, fazendo com que os alunos possam se desfazer daquela imagem negativa que se criou sobre o negro para que assim possam não apenas respeitá-los, mas também, valorizá-los.

Algumas professoras ressaltaram que nunca ocorreram situações envolvendo o preconceito racial em sala de aula, no entanto, muitas vezes este tipo de preconceito acontece de forma camuflada, de modo que elas não percebem. Como Cavalleiro (2004, p. 118) enfatiza

No cotidiano escolar, são muitos os profissionais da educação que não percebem conflitos raciais entre os alunos e também não

compreendem em quais momentos ocorrem atitudes e práticas discriminatórias e preconceituosas que impedem a realização de uma educação democrática.

Por esta razão é imprescindível que os educadores tenham um olhar atento sobre certas atitudes entre os alunos, pois muitas vezes o preconceito existe e estes por não perceberem ou até mesmo por não considerarem que algumas “brincadeiras” cheias de má intenção acabam prejudicando aquele que a sofre, (CUNHA JÚNIOR, 2005)

Ao serem questionadas sobre por que ocorrem situações de discriminação em sala de aula, todas as professoras responderam esta questão de forma satisfatória, pois cada uma apresentou um motivo que acreditava levar o aluno a cometer tal atitude. Como podemos ver nas falas,

Por falta de conscientizações e ações que se fossem trabalhadas amenizaria essa problemática que não resolveria, pois, vem de uma cultura antiga dentro da nossa história. (Professora A)

As situações de discriminação em sala de aula ocorrem porque os preconceitos que ainda estão presentes na sociedade tem raízes históricas. (Professora C)

É uma questão de diálogo familiar, acredito que a família deve está atenta, pois a escola só aprimora conceitos e educação deve começar em casa. (Professora D)

O comportamento dos alunos em sala de aula nada mais é que, o reflexo de uma sociedade “doente”. (Professora E)

Nesse intuito, a professora A acredita que ao se trabalhar com essa temática o preconceito poderia ser “amenizado”, mas “não resolveria”, pois, ela enfatiza que mesmo é um problema “cultural”, no entanto, acreditamos que trabalhando de forma correta o preconceito cessaria. Como relata Lopes (2005, p. 188)

As pessoas não herdam, geneticamente, idéias de racismo, sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações. (Sic)

Com base, na citação acima podemos compreender que o preconceito é desenvolvido a partir da convivência, seja na família, escola ou outros espaços. Mas o que cabe ressaltar aqui é que a escola tem a obrigação de educar, mesmo sabendo que este papel não é apenas seu, é também da família, não pode se eximir desta função, porque algumas vezes as famílias não trabalham este aspecto, por não ter conhecimento ou por simples descaso. Com isso é necessário que os professores trabalhem constantemente este tema, para que as crianças possam vir a erradicar estes sentimentos. Cavaleiro (2007,p. 68) ainda afirma que

Isenta-se a escola das responsabilidades que lhe são cabíveis. E a família é quase sempre considerada a culpada por disseminar o preconceito, quer para a criança que reclama quando é vítima da discriminação, quer para a criança que demonstra um comportamento pautado no preconceito.

Por fim, a última professora relata que o motivo de ocorrer situações de discriminação se dá pelo fato de pertencermos a uma sociedade “doente”. É com base nisto que Cavalleiro (2007, p. 19) também ressalta:

Numa sociedade como a nossa, na qual predomina uma visão negativamente preconceituosa, historicamente construída, a respeito do negro e, em contrapartida, a identificação positiva do branco, a identidade estruturada durante o processo de socialização terá por base a precariedade de modelos satisfatórios e a abundância de estereótipos negativos sobre negros.(Sic)

Sendo assim, acreditamos realmente que a sociedade em si tem uma grande contribuição para efetivação do preconceito, visto que, alimenta constantemente imagem negativa criada sobre o negro e se os professores não assumirem o compromisso de desmistificar esta imagem, o preconceito não só vai continuar, como vai se expandir cada vez mais, fazendo com que os negros continuem sendo humilhado pela sua cor.

Quando pedidas para ressaltarem as dificuldades encontradas para trabalhar com a diversidade étnicoracial em sala de aula. A professora D respondeu a questão de forma confusa, sem fazer uma relação com o que foi perguntado. As demais responderam de forma sucinta mais com clareza,

ressaltaram que faltam materiais necessários para abordarem essa temática, também relataram que uma das maiores dificuldades encontradas é com relação às famílias dos alunos, que os mantêm resistentes diante dos valores culturais, e acabam não colaborando com a escola, para formar cidadãos capazes de respeitar o outro.

Falta de oficinas, palestras, e documentários. (Professora A)

Até o momento não encontrei nenhum tipo de dificuldade. Sempre que abordo esse tema faço questão de frisar que em nossas veias corre sangue de todas as raças, ou seja, branco, negro e índio. (Professora B)

As dificuldades são as famílias dos alunos que resistem em ver os valores culturais de forma positiva. (Professora C)

A realidade vivida pelos educandos no dia-a-dia. (Professora E)

Diante da resposta da professora A podemos ressaltar que sem dúvidas não há uma diversidade de matérias para trabalharem essa questão, porém o professor fica incumbido de suprir esta falta de matérias, e não se exime da sua responsabilidade.

A resposta da professora B foi satisfatória e demonstrou também muita segurança quando fala que sempre aborda essa temática. Ela faz questão de relatar que todos nós fazemos parte de uma mesma “raça”, visto que, não há uma raça pura em nosso país. Quando um professor expõe isto de forma esclarecedora relatando como se deu a mistura, fica mais fácil para os alunos compreenderem a miscigenação.

Quanto à resposta da professora C, acredito que esta é uma das maiores dificuldades encontradas pelos docentes, pois os alunos quando chegam à sala de aula, trazem consigo alguns conceitos definidos, que são construídos a partir do convívio com a família, e que na maioria das vezes o preconceito racial é construído na convivência familiar.

Em relação à última resposta, a professora E tem uma dificuldade que muitos professores devem ter também, pois, a realidade que os alunos vivem influencia diretamente no decorrer das aulas, já que muitos podem aprender novos conhecimentos e em seu cotidiano vivem uma realidade que, na maioria das vezes, desconstrói o que aprenderam, ou seja, apesar de os professores

lutarem para mudarem suas realidades, estes sofrem resistência e não tem êxito.

Cavalleiro (2004) destaca algumas práticas que poderiam ajudar os professores na abordagem desta temática, como discutir a diversidade racial, possibilitando aos educandos ter conhecimento de como ocorreu o processo de escravidão e assim, favorecer a divulgação de materiais que contemplem a imagem positiva do negro, levando os professores a não fazer diferenciação no tratamento dos alunos por sua cor, e principalmente estimular a aprendizagem de todos os alunos de forma igualitária.

É imprescindível que os professores sempre busquem meios para conseguir fazer seus alunos terem uma aprendizagem voltada para o respeito e a valorização do outro, e principalmente que os alunos negros tenham orgulho de seu pertencimento, e que tenham materiais para isso, pois como relata Andrade (2005, p. 122)

Uma Oficina não é suficiente para crianças brancas ou negras reconhecerem-se como seres diferentes, com histórias diferentes, nem superiores nem inferiores. Uma Oficina é um momento de reflexão que deve ser bem conduzida pelo (a) facilitador (a), de modo que as crianças saiam dela fortalecidas – e não envergonhadas, brancas ou negras – para continuar uma convivência onde os estereótipos consigam ser corrigidos e ambos os grupos vivam com mais saúde, livres do racismo, já que o racismo destrói quem o manifesta e quem é vítima. Uma Oficina pode dar sequência a tantas outras, quando convier.

Neste sentido, faz-se necessário que o professor saiba como usar determinados materiais pedagógicos, para contribuir com o desenvolvimento de seus alunos, caso contrário poderá trazer mais prejuízos, por isto deve ficar atento e trabalhar de forma eficiente para ajudar na luta contra o preconceito e a discriminação racial, pois como ressaltou o autor acima o racismo traz prejuízos não apenas pra quem o sofre, mas também para quem o pratica.

Em relação à questão de como elas percebem os livros didáticos e como eles abordam conteúdos ligados a esse tema, a maioria respondeu que abordam a temática de forma elementar e afirmam que poderiam estar melhor, como podemos ver em suas opiniões

Atualmente os livros vêm trazendo essa abordagem bem mais trabalhada, e coloca o aluno a ter consciência de uma ação anti étnica. Professora (A)

Os conteúdos são bons, mas na minha opinião teria condição de melhorar muito. Professora (B)

Os livros didáticos ainda deixam muito a desejar com relação à abordagem da história e cultura afro-brasileira e indígena. Professora (C)

Às vezes estes conteúdos estão ocultos, sem real explicação, nós educadores temos que extrair das gravuras e dos textos algo mais claro a respeito do tema. Professora (D)

Os livros didáticos ainda estão neutros, exceto os de história. Professora (E)

Quando as professoras A e B afirmam que os conteúdos dos livros didáticos referente a temática racial são “bons”, e as professoras C, D, e E ressaltam que eles a retratam de forma superficial, abre-se um ponto de interrogação a respeito desta questão, pois existem duas opiniões sobre o livro didático, a primeira que considera o conteúdo bom e a segunda que mostra suas falhas. Diante dessas colocações pergunto: Será que essas professoras realmente trabalham o livro didático como falam? Cavaleiro diz (2007, p. 32-33) afirma

O silêncio dos professores perante as situações de discriminação impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros. Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos com um sentimento de superioridade.

É necessário que os professores não silenciem diante de situações que requerem a sua interferência, por exemplo, mostrando aos alunos que o livro didático não retrata de forma clara a realidade do povo negro, com foco na essência do conteúdo, além de buscar outras fontes para trabalhar esta questão, uma vez que se o professor não for além do que está proposto nos livros didáticos estará contribuindo para o desenvolvimento de crianças negras

frustradas, pois elas apenas terão as imagens negativas do livro didático. Silva (2005, p. 25) relata

A presença do negro nos livros, frequentemente como escravo, sem referência ao seu passado de homem livre antes da escravidão e às lutas de libertação que desenvolveu no período da escravidão e desenvolve hoje por direitos de cidadania, pode ser corrigida se o professor contar a história de Zumbi dos Palmares, dos quilombos, das revoltas e insurreições ocorridas durante a escravidão; contar algo do que foi a organização sócio-política econômica e cultural na África pré-colonial; e também sobre a luta das organizações negras, hoje, no Brasil e nas Américas.

Diante deste posicionamento de Silva (2005), e da opinião da professora D, podemos dizer que o melhor que os educadores têm a fazer é buscar meios mais claros para trabalharem esta temática, enfocando aqueles que se destacaram pelas lutas e realçando como elas aconteceram. Enfim, cabe ao professor avançar para não ficar apenas com a visão livresca, mas retratar a real história dos negros.

Quando perguntadas se conheciam as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e qual suas opiniões referentes ao que propõem, apenas uma professora afirmou que não conhecia as referidas Leis, as demais responderam positivamente. Assim, o fato delas conhecerem tais Leis poderia ajudar no desempenho do seu trabalho referente ao tema, pois quando o professor não demonstra conhecimento, pode-se pensar que não está trabalhando como determina a Lei.

Sim. Muito riquíssima, pois coloca o aluno a refletir sobre essa cultura que contribuiu para o nosso desenvolvimento social. (Professora A)
Ainda não, mais fiquei curiosa e pretendo conhecer através de pesquisas (Professora B).

Conheço as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008. Acho pertinente o que propõem, porém é necessário o cumprimento em várias esferas. (Professora C)

Sim. Ótimo, pois o assunto é muito importante, temos que ser cada vez mais consciente em relação a diversidade étnico racial. (Professora D)

As leis servem como amparo legal, mas no caso do fundamental I trabalhar valores e sentimentos é uma arma eficaz para combater preconceitos e formas de discriminação. (Professora E)

Diante das respostas de algumas professoras, podemos perceber que têm um bom entendimento em relação a esta questão, à medida que discorrem sobre o tema, deixam claro ter consciência que a partir de sua implementação os alunos poderão ter conhecimento da história e da cultura afrobrasileira, bem como a importância dos africanos para o nosso país. De acordo com Oliveira (S/D, p. 05) a implementação da Lei 10.639/2003 vem

Oportunizar aos alunos um pensar em relação às ações do seu cotidiano, evidenciando a discussão da temática étnico-racial, levando estes mesmos alunos a se verem como sujeitos históricos, pertencentes a determinados grupos e estimulá-los a buscarem pela pesquisa, pelo novo, sem deixar de encontrar no velho os elementos importantes para enfrentarem a realidade presente.

A partir da criação das Leis, alguns alunos passaram a ter interesse em estudar este assunto, para isso é preciso que os professores possam estar preparados para debater tal temática, como uma das professoras bem ressaltou é importante que tenham o “seu cumprimento em várias esferas, que não fique apenas no papel” e que as escolas incentivem os seus educadores a se capacitarem. No entanto, percebemos que as Leis apesar de sua implementação há algum tempo, a maioria das professores ainda a desconhecem, como foi o caso da professora B, que relatou não conhecer. Nesse sentido é importante que haja uma maior fiscalização para se obter a efetivação da mesma, pois como afirma Moreira, (2010, p.13)

A falta de fiscalização na implantação da Lei, a falta de capacitação do corpo docente, baixos salários, má qualidade no ambiente de trabalho dos professores, incompatibilidade entre tradições familiares e a escola, todos esses pressupostos são brechas deixadas pelo Estado na tentativa mesmo que implícita, de exterminar com as resistências da cultura africana e afrodescendente no Brasil e concomitantemente promover a imposição de uma cultura branca e europeia.

Desta forma, compreendemos que as brechas deixadas nesta lei contribuem para que de certa forma continue como o autor falou, a imposição de uma cultura sobre a outra, porém, cabem às escolas e mais

especificamente aos professores agirem de forma a combater esta imposição, trabalhando-a de forma eficaz, para que se erradique da sociedade esta imagem que se criou sobre o negro e a única forma de acontecer isto é abordando a temática nas escolas de forma clara, levando os alunos a refletirem sobre todos os aspectos impostos pela Lei.

Quando perguntadas se na sua concepção o aluno que sofre com o preconceito racial tem problemas no processo de ensino/aprendizagem, a maioria das professoras respondeu afirmativamente, pois coincidiu com todos os estudos feitos até o momento, relatando que quando o aluno sofre com o preconceito racial há possibilidades de ele apresentar dificuldades no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Dependendo do contexto social inserido e da escola, o aluno negro pode ter um excelente desempenho no processo ensino/aprendizagem. Mas, essa não é a realidade das instituições, porque o preconceito presente ainda é muito forte e os alunos que sofrem preconceitos são podados de desenvolvimento. (Professora C)

De certa forma, o aluno que sofre com o preconceito racial não desenvolve uma boa aprendizagem. Pois, precisa sim de apoio familiar e ser trabalhado em sala projetos que visem erradicar esse tipo de preconceito. (Professora D)

Muitas vezes desestimulado e frustrado, escondido no seu eu, por opressão, mediante apelidos como “negrinho” levando-o muitas vezes a demonstrar reações de agressividade. (Professora E)

Ao contrário das falas acima, as professoras A e B disseram que os alunos que sofrem com o preconceito racial não apresentam nenhum problema no desenvolvimento de suas aprendizagens, o que leva a compreender que estas professoras não acreditam na interferência negativa de apelidos maldosos sofridos pelos alunos negros não acarretam nenhuma influência no desempenho em sala de aula, o que demonstra ser essas duas professoras indiferentes as situações vivenciadas pelos seus alunos negros.

No entanto, de acordo com a professora C, os alunos vítimas do preconceito são “podados de desenvolvimento”, ou seja, quando estes se sentem desvalorizados e envergonhados pela cor da sua pele, acabam não tendo um bom desenvolvimento escolar, muitas vezes são obrigados a silenciarem, diante das humilhações sofridas. BRASIL (2006, p.71)

Crianças, adolescentes e jovens, negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso, ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar um novo olhar de contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos, garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar para os (as) estudantes.

Nesta perspectiva, para que o aluno que sofre com o preconceito racial possa ter um bom desenvolvimento é necessário que as escolas trabalhem esta temática de maneira mais sistemática, conforme comentou uma das professoras, é preciso que se trabalhe com projetos, que venham a combater essa prática em sala de aula, acabando assim com o silenciamento que ainda se faz presente. Como relata Cavalleiro (2004, p. 119-120)

A escola assim reproduz práticas e estratégias pedagógicas que contribuem para o silenciamento e subordinação dos estudantes negros nas relações interpessoais no cotidiano escolar, e deste por sua vida afora: sofrer direta e cotidianamente agressões e injustiças, e ainda ser levado a entendê-las como “naturais”, afeta e compromete seu desenvolvimento.

Diante do exposto, podemos entender que o aluno negro sofre diretamente influências no processo de ensino/aprendizagem, pois à medida que este passa por agressões e insultos e é obrigado a suportá-los, podem ficar, como relata a professora E os alunos negros na maioria das vezes ficam “desestimulados e frustrados”, ou seja, não procuram interagir com os demais por se sentirem oprimidos e também podem apresentar um lado agressivo, quando isso acontece é geralmente chamado de aluno problema, só que não se imagina o que este aluno vem aguentando cotidianamente. Por isso, se faz necessário um olhar observador e interativo do professor, para não se calar diante de situações que requerem a sua intervenção, no combate ao preconceito racial.

3. CONSIDERAÇÕES

O estudo sobre preconceito racial: implicações no processo de ensino e aprendizagem da criança na cidade de São João do Rio do Peixe-PB foi relevante para detectar que o preconceito racial ainda é uma prática muito frequente e que a maioria dos professores ainda não se posiciona, de forma incisiva sobre este fato.

Neste sentido, essa pesquisa favoreceu para identificarmos que apesar da implementação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, as escolas ainda não se organizaram para abordá-las, de forma esclarecedora, preparando os seus docentes para que eles possam se apropriar, do que elas retratam, como observamos nas respostas de algumas professoras ainda trabalham de forma superficial quando presenciam alguma cena de preconceito racial em sala de aula.

Com este trabalho, percebemos que quando uma criança é vítima do preconceito racial acarreta alguns problemas de interação social, e conseqüentemente, influencia no processo de desenvolvimento da sua aprendizagem. Por isso, é importante que haja um envolvimento dos professores para detectar e combater casos de discriminação em sala de aula.

No entanto, percebemos que alguns professores não acreditam que os alunos ao sofrerem preconceito tenham o seu desenvolvimento educacional comprometido, levando-nos a perceber que esses profissionais ainda não enxergam o mau que tais ações causam a criança negra, e o quanto isto poderá marcá-la.

Em suma, essa pesquisa nos fez confirmar que o preconceito racial pode interferir sim no desempenho da criança negra, e para ser solucionado é necessário que os gestores, responsáveis pela educação preparem seus docentes para abordarem este assunto em sala de aula, de forma esclarecedora, e assim consigam desmistificar a imagem estereotipada que se criou sobre o negro, que ainda o exclui de ter oportunidades iguais na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a Auto-Estima da Criança Negra. In: MUNANGA, Kabengele. (Oorganizador.) **Superando o racismo na escola**. Brasília, 2005. Disponivem em < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em 08/12/2014

ALVES, Roberta de Sousa. **Ensino de história e cultura afro-brasileira E africana**: da lei ao cotidiano escolar. Bauru, 2007. Disponível em < <http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Roberta%20-%20Final.pdf> > Acesso em 09/12/2014

BRASIL. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em< http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf> Acesso em 11/09/2014

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Disponível em< <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>> Acesso em 10/09/2014

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm> Acesso em 13/09/2004

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2007.

CAVALLEIRO, Eliane. Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. In: SILVEIRA, ia LMarúcia, GODINHO, Tatau (orgs.). et al.

Educar para a igualdade: Gênero e Educação Escolar. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Secretaria Municipal de Educação, 2004.

COSTA, Angelo Roger de França. **A problemática racial na política de assistência social no Brasil:** o Desafio da Especificidade Negra. Brasília, 2008. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/a_problematika_racial_na_politica_a_de_assistencia_social_no_brasil_o_desafio_da_especificidade_negra.pdf Acesso em: 16/08/2014

CUNHA JUNIOR, Henrique. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa e CUNHA JUNIOR, Henrique. **Educação e afrodescendência no Brasil.** (organizadores)-Fortaleza: Edições UFC, 2008.

CUNHA JUNIOR, Henriqu. Nós, afro-descendentes: história africana-descendente na cultura brasileira. In: ROMÃO, Jeruse. **História da Educação do Negro e outras histórias**(organizador) Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade- Brasília, 2005.

LOPES, Véra Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação. In: MUNANGA, Kabengele. Oorganizador. **Superando o racismo na escola.** Brasília, 2005. Disponivem em < http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em 08/12/2014

MOREIRA, Eryson de Sousa. **A construção social do indivíduo negro no âmbito escolar.** Cachoeira-BA, 2010. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/lehrb/wp-content/uploads/2011/08/ErysonMoreira.pdf> Acesso em: 10/08/2014

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 2ª ed. Petrópoles- RJ. Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A questão racial na escola.** Paraná. S/D. disponível em < <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1454-8.pdf>> Acesso em 14/09/2014

PASSOS, Joana Célia dos. Pra vida aprendi bastante: a educação de jovens e adultos na perspectiva de jovens negros. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa e CUNHA JUNIOR, Henrique. **Educação e afrodescendência no Brasil.** (organizadores)-Fortaleza: Edições UFC, 2008.

ROSA, Daniele Cristina. MEHL, Ana Paula. **A escola como um dos espaços de constituição da identidade negra:** revisitando histórias de estudantes negros na universidade. Curitiba, 2009. Disponível em

http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3360_1941.pdf
Acesso em 10/08/2014.

Santana, Malsete Arestides. **Discriminação racial no cotidiano escolar: o que dizem as diretoras**. Salvador, 2011. Disponível em <
http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307651658_ARQUIVO_trabalhocompletomalsetesantana.pdf> Acesso em 22/04/2014

SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria José Pereira e GALVÃO, Mariana. Direitos humanos e as relações étnicos-raciais e de gênero. In: PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira; MORAIS, Celio Vanderlei. **Educação, participação política e direitos humanos**. São Paulo. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

SANTOS, Cristiana Ferreira dos. **Literatura infantil e a identidade da criança negra: construção ou negação?** Salvador, 2010. Disponível em <
<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-CRISTIANA-FERREIRA-DOS-SANTOS.pdf>> Acesso em 23/04/2014

SILVA, Ana Célia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, Kabengele. Organizador. **Superando o racismo na escola**. Brasília, 2005. Disponível em <
http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf> Acesso em 08/12/2014

SILVA, Consuelo Dores. **Negro, qual é o seu nome?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SOUZA, Edileuza Penha de. A Lei Nº 10.639/2003 na escola-caminhos para os tambores de congo. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa e CUNHA JUNIOR, Henrique. (organizadores) **Educação e afrodescendencia no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

VERÇOSA, Alzenite de Araújo. **Racismo na escola: o silêncio fala mais alto**. Ouro Preto, 2012. Disponível em:
<http://www.amde.ufop.br/tccs/Xapuri/Xapuri%20-%20Alzenite%20Vercosa.pdf>
Acesso em: 05/08/2014

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

1. Identificação do sujeito:

Sexo: F() M ()

Formação inicial

(graduação) _____

Especialização? () Sim () Não

Em que área? _____

Nome da escola em que

trabalha: _____

2. Você possui alguma capacitação na área da diversidade étnico racial?

Sim () Não () Qual?

3. A escola que você atua desenvolve algum projeto que trabalhe a diversidade étnico racial? Qual? Como é desenvolvido?

4. Como você aborda o tema da diversidade étnico racial em sala de aula?

5. Na sua sala de aula já ocorreu/ocorre situações de discriminação racial entre os alunos? Como você as trabalha.

6. Em sua opinião por que ocorrem situações de discriminação em sala de aula?

7. Ressalte as dificuldades encontradas para trabalhar com a diversidade étnico racial em sala de aula?

8. Como você percebe os livros didáticos referente a forma que eles abordam conteúdos ligados a esse tema?

9. Você conhece as Lei 10. 639/2003 e 11.645/2008? Qual a sua opinião referente ao que propõem?

10. Na sua concepção, como o aluno negro desenvolve o processo de ensino/aprendizagem? Justifique.
